

## O DISCURSO CITADO NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: DAS PROPOSTAS DOS LIVROS DIDÁTICOS ÀS PRODUÇÕES DE TEXTOS DOS ALUNOS

Ananias Agostinho da SILVA<sup>58</sup>

Gilton Sampaio de SOUZA<sup>59</sup>

**Resumo:** O principal objetivo desse estudo é analisar as propostas de trabalho com o discurso citado em livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental e produções textuais escritas por alunos pertencentes a esse nível de ensino. Interessa-nos verificar, por meio de um estudo comparado, se as propostas de trabalho presentes nos livros didáticos contribuem efetivamente para a apropriação, por parte dos alunos, dos modos convencionais de inserção do discurso do outro na produção de seus textos.

**Palavras-chave:** Discurso citado. Ensino de Língua Portuguesa. Livro Didático. Produção de Textos.

*Abstract: The main objective of this study is to analyze the work proposals with the cited speech in textbooks of elementary school of the Portuguese language and textual productions written by students belonging to that teaching level. We are interested in checking, through a comparative study, if the work proposals, found in textbooks, contribute effectively to the appropriation, by the students, of the conventional modes of the other's speech insertion in the production of their texts.*

**Keywords:** Cited Speech. Portuguese Teaching. Language Textbook. Production of texts.

### Introdução

Recentemente, no âmbito do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino do Texto (GPET), do Departamento de Letras, do *Campus* Avançado “Prof<sup>a</sup>. Maria Elisa de

---

<sup>58</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Membro do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino do Texto (GPET) da UERN, *Campus* de Pau dos Ferros, RN, Brasil, e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: ananiasuern@hotmail.com.

<sup>59</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Bolsista de Produtividade em Pesquisa da UERN. Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP e Pós-doutor em Estudos Comparados: Língua Portuguesa e Língua Francesa, pela Université Paris VIII, na França.

Albuquerque Maia”, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, temos publicado um número significativo de textos que enfocam questões relacionadas ao discurso citado em textos dos mais variados gêneros, produzidos por alunos de graduação e especialistas de diversas áreas do conhecimento (BESSA, 2007; BESSA, BERNARDINO e SILVA, 2011; BESSA e NASCIMENTO, 2010; BESSA e BERNARDINO, 2011; BERNARDINO, 2009; PEREIRA, 2007; dentre outros). Esses estudos, de um modo geral, têm reafirmado o pressuposto bakhtiniano – amplamente aceito nos estudos linguísticos situados numa perspectiva enunciativo-discursiva – de que a recorrência ao discurso do outro é um fenômeno característico e peculiar a qualquer tipo de discurso. Em textos produzidos na universidade, a referência ao discurso alheio se apresenta como uma prática ainda mais recorrente, uma vez que, conforme atestam Bessa e Bernardino (2011), o texto científico é inevitavelmente atravessado pela voz do outro, principalmente quando produzido por pesquisadores iniciantes, que precisam do respaldo de uma autoridade da área para fundamentar o seu dizer.

De modo mais específico, essas investigações têm revelado que os textos produzidos por alunos de graduação apresentam problemas que vão desde questões convencionais da citação acadêmica – propostas na ABNT e em Manuais de Metodologia do Trabalho Científico – à articulação entre o discurso citado com o discurso citante, o que implica prejuízo para continuidade de sentido no nível da microestrutura do texto. Possivelmente, isso ocorre porque esses alunos estão em processo de iniciação na produção de textos acadêmicos e ainda não conhecem as principais convenções de apropriação do discurso do outro. Na verdade, parece que esses alunos chegam à academia com quase nenhum conhecimento acerca dos modos de inserção do discurso alheio em seus escritos. A citação (principalmente o discurso citado direto), muitas vezes, é incoerentemente compreendida apenas como um recurso possível de ser utilizado para preencher o número de páginas exigido pelos professores quando solicitam a produção de algum texto.

Nesse sentido, defendemos a tese de que o trabalho com a citação não deve ter início apenas na universidade, quando os alunos iniciam um curso superior e veem a necessidade de produzir variados textos com fins diversos. Se a referência ao discurso do outro é elemento constituinte de todo discurso, já na Educação Básica, é necessário mostrar aos alunos que seus textos não possuem uma orientação monológica, mas são

permeados por vozes alheias emitidas por sujeitos e em lugares os mais diversos. Seguindo esse pressuposto, nos propomos, nesse estudo, a analisar as propostas de trabalho com o discurso citado em livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental e produções textuais escritas por alunos pertencentes a esse nível de ensino. Em outros termos, interessa-nos verificar, por meio de um estudo comparado, se as propostas de trabalho presentes nos livros didáticos contribuem efetivamente para a apropriação, por parte dos alunos, dos modos convencionais de inserção do discurso do outro na produção de seus textos. Para dar conta desse objetivo, buscamos respaldo teórico nos postulados de Bakhtin (1990, 2006), especialmente em suas discussões sobre dialogismo e sobre discurso citado; e em estudos desenvolvidos por Maingueneau (1996, 2002) e Authier-Revuz (1998, 2004) sobre o discurso citado/relatado.

Considerando que o nosso *corpus* será constituído por livros didáticos e por textos escritos por alunos do Ensino Fundamental, esse estudo pode ser caracterizado como uma pesquisa de natureza descritiva e documental, que se orienta por uma abordagem qualitativa, uma vez que não nos interessa apenas a quantidade de dados colhidos, mas as questões particulares do universo pesquisado. Para constituir o nosso *corpus*, solicitamos formalmente a uma escola do Estado do Rio Grande do Norte um empréstimo dos livros adotados na disciplina de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental. Em um primeiro momento, analisamos, de forma geral, os livros didáticos, procurando observar qual (is) capítulo (s) enfocavam a temática do discurso citado. Em seguida, solicitamos ao professor desta disciplina que nos informasse o período no qual discutiria esta questão para que pudéssemos acompanhar as aulas e, assim, ter acesso aos textos produzidos pelos alunos após a execução das propostas de trabalho presentes nos livros. Por fim, tendo os livros e os textos em mãos, passamos a analisar os dados, relacionando-os com o referencial teórico apresentado, mesmo que de maneira sucinta, logo abaixo.

### **Compreendendo o dialogismo na linguagem**

A referência ao discurso do outro é uma característica peculiar da própria linguagem. Seja nos discursos mais informais do cotidiano, como o discurso familiar, seja em discurso mais formais, como o discurso político, científico, entre outros, a referência ao discurso do outro é uma exigência necessária. Desse modo, independente

da esfera comunicativa, tudo o que dizemos evoca o discurso alheio, pois “a palavra sempre é a palavra do outro, palavra alheia, e o eu vai buscar as palavras que usa não nos dicionários ou nas gramáticas, mas nos lábios alheios e em contextos alheios” (MIOTELLO e COUVRE, 2004, p.201). Nesses termos, é a partir do discurso do outro que produzimos nossos discursos, de modo que nossos discursos sempre habitarão outras vozes que não as nossas, as vozes do outro. Quando enunciemos estamos sempre utilizando o outro em nossos discursos, seja como representação do interlocutor ou como retomada de dizeres anteriores. O que devemos ter em mente é que todo discurso proferido terá um caráter dialógico, ou seja, ele nunca será uno, pois, conforme Bakhtin (2000), sempre haverá outros discursos fundamentando, reforçando, recebendo este discurso primeiro.

Para este autor, até mesmo em produções monológicas, como o monólogo interior, sempre há uma relação dialógica. “Apenas o Adão mítico que chegou com a palavra num mundo virgem (...) podia realmente evitar por completo esta mútua-orientação dialógica do discurso” (BAKHTIN, 2000, p.88). Nossas palavras não são “objetos virgens ainda não designados”, mas elas se cruzam e se encontram com as palavras do outro, de modo que todo discurso é essencialmente dialógico. Esta afirmação de Bakhtin pode ser sustentada em duas justificativas: i) o discurso é construído entre pelo menos dois interlocutores que, por sua vez, são seres sociais; ii) todo discurso se constrói como um “diálogo entre discursos”, ou seja, todo discurso mantém relações com outros discursos. Neste sentido, além de ser construído a partir da interação entre dois sujeitos sociais, o discurso é produzido a partir da orientação para o discurso do outro.

Bakhtin (2000, p.89) ressalta que “ao se constituir na atmosfera do ‘já dito’, o discurso é orientado ao mesmo tempo para o discurso-resposta que ainda não foi dito, discurso, porém que foi solicitado a surgir e que já era esperado. Assim é todo diálogo vivo”. Nesse sentido, muitas vezes, nosso discurso já é orientado para o discurso alheio mesmo antes de ser produzido, pois ele é construído no território de outrem sobre o fundo aperceptivo do seu ouvinte. De acordo com este autor, a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. “Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é um território comum do locutor e do interlocutor” (BAKHTIN, 2000, p.63). A palavra – compreendida aqui como o discurso de modo geral – não é constituída unicamente por mim, mas é constituída

através de uma relação dialógica entre eu e o outro, ou seja, entre dois sujeitos sociais situados em um contexto específico.

Conforme Bakhtin (2000), o dialogismo destaca a natureza contextual da interação e o aspecto sociocultural dos contextos, nos quais as interações se realizam. Para este autor, toda enunciação corresponde a um ato responsivo, uma resposta suscitada pelo contexto. Por isso ele afirma que “o discurso nasce do diálogo como sua réplica viva, forma-se na mútua-orientação dialógica do discurso de outrem no interior do objeto” (BAKHTIN, 1990, p.88-89). Sendo assim, o diálogo deve ser compreendido como uma interação entre indivíduos que se influenciam mutuamente através da linguagem e se constituem enquanto seres históricos e sociais por meio desta interação.

Essa visão defendida por Bakhtin (2000), de que o discurso é essencialmente dialógico, tem como alicerce a concepção sociointeracional da linguagem. Por isso, para este autor, são as práticas discursivas que constituem o cerne do princípio dialógico e não as estruturas linguísticas. “A relação dialógica pressupõe uma língua, mas não existe no sistema da língua.” Porém, “os limites dialógicos entrecruzam-se por todo o campo do pensamento vivo do homem” (BAKHTIN, 2000, p. 348). Segundo Brait (1996), o dialogismo bakhtiniano deve ser compreendido a partir de duas perspectivas: as relações dialógicas existentes entre os interlocutores de determinada situação comunicativa e as relações dialógicas que um discurso estabelece com outros discursos. Esta última perspectiva foi amplamente discutida e revista por Kristeva (1974), que a denominou de intertextualidade. Para esta autora, “todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de uma infinidade de outros textos” (KRISTEVA, 1974, p.64).

### **O discurso citado e seus modos de manifestação**

“O discurso citado é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação” (BAKHTIN, 2006, p.150). Nesta perspectiva, o discurso citado não corresponde apenas ao conteúdo do discurso citante, ele também entra em sua estrutura sintática com uma unidade integral de sua construção. Entretanto, mesmo o discurso citado integrando as estruturas sintáticas, semânticas, estilísticas e composicionais do discurso citante, de

acordo com o autor acima citado, ele conserva sua autonomia estrutural e semântica sem nem por isso alterar a trama linguística do contexto que o integrou.

Nesses termos, quando o discurso citado é introduzido na estrutura do discurso citante as marcas do dizer do outro não são apagadas, pois conserva sua “autonomia primitiva, sem o que ele não poderia ser completamente apreendido” (BAKHTIN, 2006, p.151). Assim sendo, não há como o discurso de outrem diluir-se totalmente dentro de um novo discurso, pois seu conteúdo semântico e sua estrutura sintática permanecem *relativamente estáveis*, de modo que a integridade do discurso citado permanece palpável, “como um todo auto-suficiente” (BAKHTIN, 2006, p.151). Portanto, “o discurso é sempre o discurso citado e o texto se constrói como um ‘mosaico’ de citações” (CAZARIN, 2005, p.137).

Consoante ao pensamento de Bakhtin (2006), Authier-Revuz (1990) compreende o discurso citado – ou relatado, em sua terminologia – como uma das formas da heterogeneidade mostrada do discurso, isto é, o conjunto de formas linguísticas que inscreve o outro na sequência do discurso, representando de diferentes modos a negociação do sujeito com a heterogeneidade constitutiva do seu dizer. Entretanto, esta autora ressalta que o discurso citado não corresponde ao discurso do outro em funcionamento, mas sim ao seu simulacro, que pode ser valorizado positiva ou negativamente pelo discurso citante, de acordo com suas próprias categorias.

Para Authier-Revuz (1990), a funcionalidade da situação comunicativa do discurso citado não é transposta realmente para o discurso citante, o que acontece é apenas uma reprodução semelhante ao real. Nesta reprodução, o discurso citante elabora meios para indicar na superfície do texto a presença de outros discursos, de outras vozes que não a do locutor. Estas vozes citadas são destacadas como forma de delimitar os limites e fronteiras dos discursos e de garantir a identidade do outro no interior do discurso citante.

Em conformidade com os dizeres de Bakhtin (2006) e Authier-Revuz (1990), Maingueneau (1996, p.103) levanta uma questão central: “Como integrar uma enunciação, *o discurso citado*, que dispõe de suas próprias marcas de subjetividade, de seus embreantes, numa segunda, *o discurso citante*, ligado a uma outra instância enunciativa?”

Maingueneau (1996) responde a esse questionamento afirmando que existem diversas formas de integrar o discurso do outro na tessitura do discurso citante, sem que

aquele perca sua subjetividade. Existem várias formas de transmissão ou de introdução do discurso citado no discurso citante, que, conforme propôs o próprio Bakhtin (2006), sofrem a influência dos gêneros discursivos e do contexto sócio-histórico, de modo que não são formas estanques, dado que sofrem variações. “Conforme a língua, conforme a época ou os grupos sociais, conforme o contexto presente tal ou qual objetivo específico, vê-se dominar ora uma forma, ora outra” (BAKHTIN, 2006, p.153). Dentre as principais formas ou modos de referência ao discurso do outro, pode-se destacar: o discurso citado direto (DD), o discurso citado indireto (DI), a modalização em discurso segundo, a ilhota textual, a evocação e o resumo com citação.

A seguir, apresentamos uma caracterização realizada por Bessa e Bernardino (2011) acerca de cada um desses modos, conforme os trabalhos de Authier-Revuz (1990, 2004), Maingueneau (1996, 2002) e Boch e Grossmam (2002).

**Quadro 01: Caracterização dos modos de discurso citado**

<b>MODOS DE DISCURSO CITADO</b>	<b>CARACTERIZAÇÃO</b>
<b>Discurso citado direto</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- o locutor se constitui como simples porta voz das palavras do outro, que ocupam o tempo ou espaço na frase;</li> <li>- delega a responsabilidade da fala citada a um segundo locutor, o do discurso direto;</li> <li>- procura conservar a integridade e a autenticidade do discurso alheio, esforçando-se para delimitar esse discurso com fronteiras nítidas e estáveis (itálico, aspas ou presença de um verbo introdutor), por isso mesmo “só tem existência através do discurso citante, que constrói como quer um simulacro da enunciação citada” (MAINGUENEAU, 1996, p.105).</li> </ul>
<b>Discurso citado Indireto</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- o locutor faz uso de suas próprias palavras, remetendo a um outro como fonte do “sentido” dos propósitos que ele relata;</li> <li>- o discurso indireto não reproduz um significante, mas dá um equivalente semântico integrado à enunciação citante; e é o interlocutor que se encarrega do conjunto da enunciação;</li> <li>- no discurso indireto, a fala do outro se apresenta sob a forma de uma oração subordinada substantiva objetiva direta, introduzida por um verbo dicendi;</li> </ul>
<b>Ilhota citacional</b>	<p>“[...] o enunciador citante isolou em itálico e entre aspas um fragmento que, ao mesmo tempo, ele utiliza e menciona, emprega e cita. [...] mesmo tratando-se globalmente de discurso indireto, este contém algumas palavras atribuídas aos enunciadores citados. [...] a <i>ilha</i> está perfeitamente integrada à sintaxe: só a <i>tipografia</i> permite ver que essa parte do texto não é assumida pelo relator. [...]” (MAINGUENEAU, 2002, p.151)</p>
<b>Evocação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- o locutor não comenta o texto citado nem resume seu conteúdo, somente faz alusão a discurso de outrem;</li> <li>- apresenta algumas peculiaridades tais como: Ausência de marcas introdutórias de discurso reportado (tais como: Segundo X, conforme X, ou equivalentes), Ausência de desenvolvimento temático do dizer do outro, Presença de um nome próprio de autor, frequentemente com data à qual o autor do artigo se refere, sem precisar o teor do texto. (BOCH; GROSSMANN, 2002, p.101)</li> </ul>

<b>Discurso citado direto com “que”</b>	- apresenta as mesmas características do DD, mas tem como introdutor um <i>verbo dicendi</i> mais <i>que</i> . Neste caso, “um fragmento entre aspas que apresenta as características do DD vem depois de ‘que’” (MAINGUENEAU, 2002, p.152)
<b>Modalização em discurso segundo</b>	- o enunciador, além de remeter ao discurso de outra pessoa, pode <i>comentar sua própria fala</i> ; - é introduzida por modalizadores que podem ser grupos preposicionais (conforme, segundo, para, etc.), verbos, dentre outros.
<b>Resumo com citações</b>	- é geralmente marcado pela acumulação de itálico e aspas; - os fragmentos entre aspas são partes do discurso original, estando “integrados sintaticamente” ao discurso que cita; - “trata-se do resumo de um texto cujo original aparece apenas em <i>fragmentos no fio do discurso</i> ” (MAINGUENEAU, 2002, p.154)

### **Análise dos dados**

Considerando os pressupostos teóricos acima delineados, organizamos nossa análise em três etapas: na primeira, analisamos as propostas de trabalho com o discurso citado presentes em uma coleção livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, adotada por uma escola do Estado do Rio Grande do Norte. Em segunda, nos deteremos a analisar as produções textuais escritas por alunos pertencentes a este nível de ensino e a escola acima citada, procurando identificar os modos de materialização da presença do discurso citado nesses textos. Por fim, procuramos verificar, por meio de um estudo comparado, se as propostas de trabalho presentes nos livros didáticos contribuem efetivamente para a apropriação, por parte dos alunos, dos modos convencionais de inserção do discurso do outro em suas produções textuais.

### **Das propostas nos livros didáticos de Língua Portuguesa**

Em um primeiro momento, realizamos uma observação bastante geral da coleção de livros didáticos de Língua Portuguesa adotada pela escola no Ensino Fundamental, tendo em vista a compreensão da organização macroestrutural desses livros. Apenas os livros adotados pelo 8º e 9º anos enfocam questões relacionadas à presença do discurso do outro nos textos que produzimos nas mais diversas esferas sociais de comunicação, apesar de se focalizar apenas dois tipos de texto: ficcionais (8º ano) e jornalísticos (9º ano). Também foi possível perceber que não há, nesses dois livros, uma discussão profunda ou um capítulo dedicado à temática. Há somente tópicos sucintos, intitulados



*O discurso citado*, nos quais se apresentam, de forma genérica, conceitos de determinadas nomenclaturas, seguidos por exercícios de compreensão e interpretação de textos.

O livro do 8º ano, inicialmente, apresenta uma introdução acerca da temática, mostrando que os textos produzidos em nosso cotidiano, nas mais variadas esferas de interação social, não são originais, mas são constituídos por outras vozes enunciadas por sujeitos diferentes, em lugares e contextos históricos também diversos. Reproduzimos abaixo a descrição presente no referido livro didático:

*“Geralmente supomos que o nosso texto é original e único e que ele expressa apenas a nossa voz. Mas não é bem assim. Na verdade, não há discurso inteiramente original, pois todo discurso é uma resposta a outro. Ao falar ou escrever estamos sempre dialogando com outras vozes e outros discursos com os quais temos ou tivemos contato. Numa conversa cotidiana, por exemplo, quando damos um conselho que julgamos ser nosso, estamos quase sempre reproduzindo o que ouvimos de nossos pais ou amigos ou lemos em um livro ou jornal.”*

Como se pode perceber, o livro apresenta, de maneira didática, o pressuposto bakhtiniano de que todo discurso *é uma resposta a outros discursos*. Para exemplificar essa ideia, os autores recorrem a um gênero comumente utilizado em nosso cotidiano (o *conselho*), quando sentimos a necessidade de orientar o outro sobre como agir em determinadas situações. Assim, os autores demonstram que mesmo quando pensamos ser autores de nosso dizer, na verdade, estamos reproduzindo aquilo que ouvimos de alguém ou lemos em algum tipo de texto. Isso porque, como defende Bakhtin (2006, p. 88), todo discurso, concreto e histórico, “nasce no diálogo como réplica viva, forma-se na mútua-orientação dialógica do discurso de outrem no interior do objeto”.

Após essa breve introdução, o livro apresenta um exercício de interpretação de um texto ficcional, no qual os alunos devem observar a presença e a *convivência* de vários tipos de discursos. Trata-se de um curto texto narrativo, escrito por Donald Buchweitz, que, de forma explícita, apresenta três vozes ou discursos diferentes: a do narrador, a de um menino vendedor de jornal e a de um motorista enganado pelo menino. Em um primeiro enunciado, o exercício solicita que os alunos identifiquem essas vozes e o sinal de pontuação utilizado para introduzi-las. Em seguida, os autores destacam um fragmento do texto em discurso indireto “Um motorista abaixa o vidro, puxa o dinheiro e pede ao menino que, por favor, lhe dê um jornal” e sugere que os

alunos reescrevam-o em discurso direto. Por fim, os autores do livro recomendam que os alunos reflitam sobre qual a finalidade de reproduzir integralmente as falas das personagens em um texto ficcional.

Esse exercício apresenta alguns problemas que merecem uma reflexão mais detalhada. O primeiro enunciado sugere apenas a identificação das marcas gráficas (o travessão) que introduzem as vozes presentes no texto, desconsiderando a presença de elementos linguísticos, como os verbos introdutórios, por exemplo, *que*, além de introduzirem o discurso do outro, indicam uma ruptura de perspectivas num mesmo enunciado. Além disso, conforme Maingueneau (1997, p.88), “em função do verbo escolhido (sugerir, afirmar, pretender...) toda a interpretação da citação será afetada.” Se em um determinado discurso o locutor optar pelo verbo *dizer* para reportar-se ao discurso de outro, mesmo sendo um verbo aparentemente neutro, criará um efeito de afastamento sobre o dito. Entretanto, se em vez de mobilizar o verbo *dizer* para este fim, o locutor utilizar o verbo *classificar*, por exemplo, além da ideia de afastamento do discurso citado, o verbo criará um efeito de organização ou hierarquia, dependendo do contexto.

O segundo enunciado sugere que os alunos transformem um fragmento do texto escrito em discurso indireto para o discurso direto. A princípio, poderíamos pensar ser esta uma proposta interessante, pois supomos que, para realizá-la, o aluno deve refletir sobre as características desses dois modos de discurso citado, percebendo as discrepâncias linguísticas existentes entre ambos. É preciso perceber, por exemplo, que, na passagem de um discurso direto para o discurso indireto, os verbos empregados no presente do indicativo passam para o pretérito do imperfeito, os pronomes na primeira pessoa são substituídos por pronomes da terceira pessoa e torna-se necessário o emprego de um verbo introdutor (MAINGUENEAU, 1997). Ocorre que o livro não apresenta, antes de sugerir tal atividade, conceitos ou exemplos referentes aos modos acima citados, o que torna praticamente impossível a realização desta tarefa por parte dos alunos.

No último enunciado, o livro sugere que os alunos reflitam sobre qual a finalidade do autor do texto ao reproduzir *ipsis litteris* a fala das personagens no texto ficcional. Essa proposta também é bastante interessante, uma vez que sugere a reflexão sobre as escolhas que fazemos quando inserimos o discurso do outro em nossos textos. Entretanto, para isso, é preciso que os alunos conheçam o gênero em questão, já que a

opção por um modo de discurso citado está atrelada, dentre outros aspectos, ao tipo de gênero que se irá produzir. Na piada, por exemplo, a reprodução integral do discurso das personagens, além de tornar a narrativa mais dinâmica, direta e engraçada, faz a situação relatada ficar mais semelhante às situações reais. Entretanto, não fica claro na proposta do livro didático se o texto apresentado corresponde a uma piada, a uma anedota ou mesmo a um pequeno conto, de modo que parece ser complicado refletir sobre a influência do gênero na escolha de determinado modo de discurso citado.

No capítulo seguinte, o livro apresenta uma conceituação sobre os modos de discurso citado direto e indireto, expondo as distinções existentes entre ambos:

*“No **discurso direto**, a fala das personagens é reproduzida integralmente no discurso narrativo, conservando sua forma de expressão: tempo verbal, pronomes, etc. Ele é geralmente introduzido por travessão ou delimitado por aspas.  
No **discurso indireto**, a fala das personagens é reproduzida pelo narrador, o que provoca nela alterações quanto a pessoa, tempos verbais e pronomes e o emprego das palavras **que** ou **se**.*

Nesse fragmento, o discurso direto é compreendido como um modo de discurso citado em que o locutor procura reproduzir fielmente (tal e qual) as palavras do outro, conservando a integridade e a autenticidade do discurso alheio e esforçando-se para delimitar esse discurso com fronteiras nítidas e estáveis. Enquanto o discurso direto supostamente repete as palavras de outro ato de enunciação e dissocia dois sistemas enunciativos, o discurso indireto, como propôs Maingueneau (1996, p.108), “só é discurso citado por seu sentido, constituindo uma tradução da enunciação citada”. Nesse sentido, a estratégia empregada no discurso indireto é totalmente diferente da estratégia do discurso direto, pois o autor não procura reproduzir fielmente a fala do outro, mas sim traduzi-la, imprimindo suas entonações. Se essas definições tivessem sido postas no livro didático antes do exercício anteriormente analisado, possivelmente, os alunos encontrariam mais facilidade em responderem efetivamente às questões propostas.

Após essa breve conceituação dos dois modos de discurso citado, o livro apresenta uma tabela com vários fragmentos que exemplificam as principais transformações que ocorrem na passagem de um discurso direto para indireto ou vice-versa, focando, especificamente, os verbos, os pronomes e os advérbios. Por fim, o livro propõe que os alunos respondam a um novo exercício, constituído por enunciados que sugerem a identificação e classificação de determinados fragmentos em discurso citado

direto ou indireto, atentando para as mudanças ocorridas quando se emprega um ou outro modo.

O livro do 9º ano apresenta uma proposta de trabalho com o discurso citado que focaliza os gêneros jornalísticos, principalmente a notícia, a reportagem e o artigo de opinião. Reproduzimos abaixo o fragmento que introduz o tópico que trata da temática em questão no livro didático aqui analisado:

*“Nos textos narrativos ficcionais, o discurso citado – seja o discurso direto, seja o discurso indireto – introduz a fala das personagens no discurso do narrador, dando vivacidade e dinamismo à história. Em outros tipos de texto, como os jornalísticos, o discurso citado desempenha um papel diferente.*”

Podemos perceber que os autores do livro parecem acreditar que os alunos já construíram concepções sobre os modos de discurso citado direto e indireto, considerando que, no ano anterior, os alunos devem ter desenvolvido uma proposta de trabalho com esses modos, focalizando os textos narrativos ficcionais. Isso demonstra a sequência de conteúdos que os livros da coleção adotada pela escola parecem apresentar. Entretanto, mesmo assim, seria interessante que o livro do 9º ano expusesse, mesmo que de forma breve, uma conceituação sobre cada um dos modos acima citados, que funcionaria como um dispositivo de ativação da memória dos alunos. Os autores do livro afirmam que em outros tipos de texto, como os jornalísticos, o discurso citado desempenha um papel diferente de quando empregado em textos narrativos ficcionais. Ocorre que essa nova função não é explicitada no próprio livro didático, de modo que, *a priori*, não há como os alunos identificarem o “papel” do discurso citado nos textos jornalísticos.

Após a exposição desta sucinta introdução, o livro sugere que os alunos realizem a leitura de uma reportagem publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, intitulada *Sonho é ter mais espaço para estimular leitura*, e respondam a um exercício que se segue. Este é composto por quatro questões: a primeira recomenda que os alunos identifiquem a fala da jornalista que noticia os fatos e das personagens que executam as ações relatadas, atentando para os sinais de pontuação que marcam os trechos referentes ao discurso das personagens; na segunda questão, os alunos devem identificar as expressões utilizadas pela jornalista para introduzir o discurso das personagens; a terceira questão sugere a identificação, no texto lido, de um fragmento em discurso indireto correspondente à fala

da personagem principal; por último, na quarta questão, os alunos devem identificar os meios utilizados pela jornalista para citar, de modo fiel, a o discurso das personagens.

Como se pode perceber, todo o exercício sugere apenas a identificação de determinados aspectos referentes aos modos de discurso citado direto e indireto. Os alunos parecem não precisarem refletir sobre o emprego de um ou outro modo ou mesmo sobre a necessidade de se recorrer ao discurso do outro, em textos jornalísticos, como forma de se relatar fielmente os fatos ocorridos. Na segunda questão, por exemplo, os alunos devem apenas identificar as expressões utilizadas pela jornalista para introduzir o discurso citado (grupos preposicionais – conforme, de acordo com, segundo, dentre outras). Essas formas, além de introduzirem o discurso do outro, conforme Maingueneau (2002), também trazem consigo um enfoque subjetivo e permitem ao locutor atribuir a responsabilidade do dizer ao autor do discurso citado, isentando o locutor do discurso citante de qualquer responsabilidade sobre as palavras proferidas. Além de não considerar esse aspecto dos grupos preposicionais, os autores do livro deixam de mencionar outros modos de introdução do discurso citado, como os verbos introdutores e os recursos tipográficos (as aspas, o itálico e o recuo). Esses recursos tipográficos podem assumir grande relevância na delimitação do discurso citado, principalmente em casos que não apresentam introdutores explícitos.

Por fim, em um pequeno quadro abaixo deste exercício, o livro apresenta outro tipo de discurso citado ainda não abordado: o discurso indireto livre ou semi-indireto, considerado pelos autores como um modo que consiste na fusão da fala ou do pensamento da personagem com o discurso do narrador. Nesse caso, de acordo com Maingueneau (2002), não há conjunções que separam o discurso citado do discurso citante, assim como não há verbos introdutores ou mesmo a mudança dos tempos verbais e dos pronomes pessoais. Após essa breve conceituação, o livro expõe dois pequenos trechos e sugere que os alunos identifiquem os fragmentos que correspondem ao discurso indireto livre. Entretanto, essa proposta de fixação deste modo de discurso citado parece ser insuficiente para que os alunos realmente apreendam-no, de modo que possa identificá-lo com facilidade em qualquer outro texto e empregá-lo adequadamente quando necessário.

### **Das produções textuais dos alunos nas aulas de Língua Portuguesa**

Para coletar os textos que, somados aos livros didáticos acima analisados, constituíram o *corpus* desta investigação, solicitamos as professoras de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental que, após desenvolverem as propostas de trabalho com o discurso citado, nos possibilitassem o acesso a produções textuais escritas pelos alunos do 8º e do 9º anos. É preciso ressaltar que esses textos não compunham produções correspondentes às propostas trabalhadas, mas sim a um conjunto de textos produzidos posteriormente à execução das propostas, com fins e objetivos os mais diversos. Dentre os vários textos cedidos pelas professoras (aproximadamente quarenta textos, das duas turmas), selecionamos uma amostra constituída por quatro textos: dois produzidos por alunos do 8º ano e dois produzidos por alunos do 9º ano. Após selecionarmos os textos, procuramos verificar, por meio de um estudo comparado, se as propostas de trabalho presentes nos livros didáticos contribuíram, de maneira efetiva, para a apropriação, por parte dos alunos, dos modos convencionais de inserção do discurso do outro na produção de seus textos.

Os quatro textos selecionados correspondem a uma proposta apresentada pelas professoras, na qual os alunos deveriam visitar uma biblioteca escolar ou municipal ou mesmo a sala de leitura de alguma escola e realizar uma entrevista semi-estruturada com os bibliotecários ou com alguém responsável pelo órgão. Em seguida, os alunos deveriam produzir uma reportagem que contenha as informações emitidas na entrevista. Como subsídio, para ampliar o conhecimento dos alunos sobre o tema, a professora apresentou dois textos pertencentes ao gênero solicitado – reportagem – publicados em importantes jornais do país. Por fim, a professora ainda apresentou um roteiro com instruções claras e explícitas sobre as informações que os textos a serem produzidos precisariam apresentar. Essa proposta de produção foi aplicada nas turmas do 8º e do 9º anos da Escola onde realizamos a pesquisa.

## Fragmento (01)

*Fomos até a biblioteca de nosso município e falamos com sua equipe. Fizemos algumas perguntas e obtivemos as seguintes respostas. Perguntamos a bibliotecária Maria das Neves<sup>60</sup> quantos livros tem na biblioteca e ela nos respondeu: “Temos exatamente 9.114 livros”. (Aluna do 9º ano)*

Como percebemos no fragmento acima, ao citar o discurso da bibliotecária, a aluna procura conservar a integridade e autenticidade do mesmo, esforçando-se para delimitar esse discurso com fronteiras nítidas, como postula Bakhtin (1990), Maingueneau (2002), Authier-Revuz (1990), dentre outros. A delimitação entre o discurso citado e o discurso citante ocorre da seguinte forma: primeiramente, ao usar a expressão “ela nos respondeu:”, a aluna utiliza, como forma de introdução, um verbo *dicendi* (respondeu) e dois pontos (:); além disso, ela também recorre ao emprego das aspas, que permitem ao locutor isentar-se da responsabilidade pelo dito. Assim, o discurso do outro é materializado de maneira facilmente visível na tessitura do texto produzido pela aluna. Nos termos de Maingueneau (2002), podemos dizer que, ao citar em discurso direto, a aluna do Ensino Fundamental se comporta como “porta-voz” do discurso do outro, fazendo com que este ocupe um “lugar ou espaço” no texto por ela produzido.

## Fragmento (02)

*Ela disse que os livros que tinham lá eram todos diferentes e tinha livros de todos os gostos para todas as idades, além de revistas, jornais, enciclopédias e dicionários. (Aluno do 8º ano)*

Neste fragmento, é possível perceber que, ao apresentar a diversidade de livros que constituem o acervo bibliográfico da biblioteca, o que lhe permite atender públicos pertencentes a faixas etárias também diversas, o aluno menciona, em discurso citado indireto, a fala da bibliotecária. Desse modo, o aluno se comporta como uma espécie de “tradutora” – na terminologia de Maingueneau (2002) – do discurso produzido pela funcionária da biblioteca, de modo que não sabemos exatamente que palavras ela usou,

---

<sup>60</sup> Tendo em vista a preservação da identidade das funcionárias da biblioteca, optamos por um nome fictício.

de fato, ao tentar responder ao questionamento feito pelo aluno, mesmo que as palavras usadas por este se constituam como um equivalente semântico dos dizeres daquela. Em outros termos, o aluno constrói o seu texto usando suas palavras para traduzir as palavras do outro, ou seja, ele não cita exatamente o que diz a bibliotecária, mas sim o conteúdo do seu pensamento.

#### Fragmento (03)

*Então, perguntamos a ela quantos leitores frequentavam semanalmente a biblioteca e ela nos respondeu que “tinham visitantes de todas as idades, mas os que mais frequentavam eram crianças”. (Aluno do 9º ano).*

Esse fragmento poderia ser compreendido como um discurso citado direto – e, na verdade, o é. Entretanto, há aqui uma estrutura diferente daquela empregada no primeiro fragmento apresentado nesta análise: *verbo dicendi + que + aspas*, o que nos permite denominar este modo de discurso citado direto com *que*. O mesmo é caracterizado por Maingueneau (2002, p.152) como sendo uma forma híbrida de discurso citado, pois há “um fragmento entre aspas que apresenta as características do discurso direto vem depois de *que*”. Assim, ao mobilizar esse modo de discurso citado, o aluno faz com que os dois atos de discurso – citado e citante – se unam sintaticamente, de modo que apenas os recursos tipográficos marcam a fronteira entre ambos. Portanto, sem as aspas, não perceberíamos quais as palavras da bibliotecária, pois se transformaria num discurso citado indireto, cujas palavras seriam delegadas ao enunciador do discurso citante, no caso o aluno do 9º ano, embora se constituindo como tradução do discurso do outro.

#### Fragmento (04)

*Procuramos saber se a bibliotecária gostava de ler e se tinha o hábito de leitura. Para ela, ler é muito mais do que um hábito, é uma paixão (Aluno do 9º ano).*

Neste fragmento, encontramos uma modalização em discurso segundo. Identificamos facilmente este modo por causa da expressão introdutora *Para ela*, que corresponde à categoria de introdutores dos *grupos preposicionais*, próprios de modalizações em discurso segundo. Além disso, ao mobilizar este recurso ao discurso



do outro, o autor indica que ele não é o responsável pelo conteúdo do enunciado, pois neste modo ele apenas indica que está se apoiando em outro discurso, se isentando da responsabilidade pelo que é citado. É a presença desses modalizadores na modalização em discurso segundo que permitem distingui-la do discurso indireto, que, por sua vez, é introduzido por um verbo *dicendi*.

Em síntese, esses foram os modos de discurso citado mobilizados pelos alunos na produção de seus textos. É preciso dizer que, por causa da extensão deste trabalho, preferimos apresentar apenas um exemplo dos modos utilizados pelos alunos, mas cada um deles foi mobilizado com frequências diversas nos textos analisados. Além disso, vale ressaltar que, muitas vezes, os alunos apenas inserem o discurso citado em seus textos, mas não conseguem estabelecer uma negociação, por meio de formas de retomada, entre este e o discurso citante na tessitura dos textos. Nesses casos, os textos não apresentam uma progressão textual e parecem constituir apenas um mosaico de citações de discursos outros, que não estabelecem entre si relações semânticas e dialógicas.

### **Considerações finais**

Considerando as ponderações realizadas na análise do *corpus* desta investigação, podemos concluir que as duas propostas aqui apreciadas restringem o trabalho com o discurso citado a três modos: direto, indireto e indireto livre ou semi-indireto. Outros modos – tais como a evocação, modalização em discurso segundo, discurso direto com que, dentre outros – apresentados por autores como Maingueneau (1996, 2002), Authier-Revuz (1990, 2004) e Boch e Grossmam (2002) não são abordados em nenhum dos livros analisados. Além disso, as propostas priorizam a identificação de determinados elementos (recursos gráficos, formas verbais e pronominais, grupos preposicionais, dentre outros) em detrimento de uma reflexão sobre o emprego desses modos nos diversos textos produzidos pelos alunos em seu cotidiano.

Mesmo assim, pudemos perceber, nos textos produzidos pelos alunos, a recorrência a vários modos de discurso citado, como o discurso direto e indireto, por exemplo, abordados nas duas propostas dos livros didáticos. Os alunos parecem ter compreendido que os nossos discursos não são enunciações monológicas, construídas unicamente pela fala do locutor. A referência ao discurso do outro é uma exigência

necessária a qualquer tipo de discurso, como propôs Bakhtin. Nos textos analisados – textos do tipo jornalísticos – a referência ao discurso do outro por meio de citações permite aos alunos se isentarem da responsabilidade pelas opiniões apresentadas. Além disso, se reafirma o comprometimento do produtor do texto com a verdade, já que não há marcas indicativas de certo ponto de vista dos autores, mas apenas uma narração ou descrição dos fatos tais como aconteceram.

Entretanto, observamos também que alguns modos de discurso citado mobilizados não foram trabalhados nas propostas dos livros didáticos. É o caso da *modalização em discurso segundo* e do *discurso citado direto com que*, utilizados com frequência nos textos analisados. Assim sendo, o aprendizado dos alunos não se restringiu apenas aos modos apresentados nos livros didáticos, eles ousaram em arriscar o uso de outros modos desconhecidos, mas possíveis de serem empregados. É claro que esse uso pode também ter sido inconsciente ou mesmo consequência de um equívoco de quando se ia empregar um daqueles modos trabalhados nas propostas dos livros didáticos. Mas o que realmente importa é que outros modos de discurso citado foram mobilizados pelos alunos, o que revela certa restrição daquelas propostas analisadas anteriormente.

Portanto, se esses modos de discurso citado forem trabalhados, na Educação Básica, de forma que os alunos compreendam a necessidade que temos de inserir o outro em nosso discurso, já que nosso dizer se constitui a partir da interação com os dizeres enunciados por outros, possivelmente, no Ensino Superior, esses alunos quase não encontrarão dificuldade em mobilizar certos modos de discurso citado para estabelecerem diálogos com os diversos autores que produzem conhecimento em sua área.

## Referências

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas**: as não-coincidências do dizer. Tradução de Claudia R. Castellanos Pfeiffer, et al. Revisão técnica da tradução Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

\_\_\_\_\_. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: \_\_\_\_\_. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Apresentação Marlene Teixeira; revisão técnica da tradução de Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p.11-80.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética**. São Paulo: Hucitec/Unesp, 1990.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BERNARDINO, R. A. dos S. **A reformulação parafrástica na fundamentação teórica de trabalhos de conclusão do curso de Letras**. 2009. 152 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

BESSA, J. C. R. **Referência ao discurso do outro: uma análise de problemas de relações de sentido entre discurso citado direto e discurso citante no gênero monográfico**. 2007. 110 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

\_\_\_\_\_; BERNARDINO, R. A. dos S. A Referência ao discurso do outro em textos acadêmicos de estudantes de curso de Letras/Português. CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 7, 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UFPR, 2011, p.2068-2081.

\_\_\_\_\_; NASCIMENTO; I. A. de A. **Relatório técnico final de atividades: Pesquisa “A referencia ao discurso do outro em textos acadêmicos de estudantes de Letras”**. 47 p. Departamento de Letras do *Campus* Avançado “Profa. Ma Elisa de Albuquerque Maia”, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. Pau dos Ferros: UERN, 2010.

\_\_\_\_\_; SILVA, A. A.; BERNARDINO, R. A. dos S. **Relatório técnico parcial de atividades: Pesquisa “O discurso do outro em textos acadêmicos de especialistas de diferentes áreas do conhecimento”**. 37 p. Departamento de Letras do *Campus* Avançado “Profa. Ma Elisa de Albuquerque Maia”, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. Pau dos Ferros: UERN, 2011. (Apoio: CNPq)

BOCH, F; GROSSMANN, F. De l’usage des citations dans le discours théorique: des constats aux propositions didactiques. **Lidil**, n. 24, p. 91-112, 2001.

\_\_\_\_\_. Referir-se ao discurso do outro: alguns elementos de comparação entre especialistas e principiantes. **Revista Scripta**, v. 6, n.11. Belo Horizonte: PUC Minas, 2002. p. 97-108.

CAZARIN, E. A. **Identificação e representação política: uma análise do discurso de Lula**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à Semanálise**. Tradução de Lúcia Helena França. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MAINGUENEAU, D. **Elementos de linguística para o texto literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

\_\_\_\_\_. **Análise de textos de comunicação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MIOTELLO, V. & COVRE, A. Alguns apontamentos sobre a questão do dialogismo à luz de Bakhtin. In: MIOTELLO, V.; NAGAI, E.; COVRE, A. et al. **Quimera e a peculiar atividade de formalizar a mistura do nosso café com o revigorante chá de Bakhtin**. São Carlos (SP): Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGE, 2004, p. 199-220.

PEREIRA, C. C. **Formas e funções do discurso do outro no gênero monográfico.** 2007. 234 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.